

Editorial

Em 2012, a Revista Linguagem & Ensino (RLE) completa o seu 15º aniversário e não poderíamos deixar de agradecer aos responsáveis pelo seu sucesso durante todos esses anos. Considerando-se os limitados recursos financeiros e humanos disponíveis para geri-la, podemos afirmar que a Revista cresce em força e prestígio devido ao comprometimento de seus Editores, Comissão Editorial, Conselho Editorial e Pareceristas *ad hoc*. Além de avaliar séria e imparcialmente os textos recebidos, também visamos a orientar ou, em alguns casos, “educar” o nosso autor, mostrando-lhe modos de melhorar o seu texto.

Neste Editorial, além de apresentarmos os artigos que compõem este número, resgataremos o histórico da RLE e mostraremos ao leitor um pouco dos bastidores da Revista. Para nos ajudar nessa tarefa, trazemos os depoimentos dos Editores que nos antecederam.

A RLE teve seu lançamento em outubro de 1997, durante o primeiro Seminário Nacional sobre Linguagem e Ensino (SENALE), com a edição referente a janeiro de 1998 (v. 1, n. 1). O Prof. Wilson Leffa foi o Editor fundador da Revista e continua trabalhando ativamente na Comissão Editorial.

A partir do Volume 3, a RLE passou a ser indexada por dois organismos internacionais: *Modern Language Association of America* e *Linguistics and Language Behavior Abstracts*. Em 2012, a Revista passou a ser indexada pela *EBSCO Publishing*.

Embora a Revista tenha procurado manter sempre o mesmo padrão de impressão, algumas pequenas mudanças foram aos poucos sendo introduzidas: a) a capa recebeu um tratamento policromático; b) as margens foram levemente ampliadas; c) além do *abstract* em inglês, também o título dos trabalhos e as palavras-chave passaram a ser traduzidos; e d) a data da tramitação dos manuscritos começou a ser informada.

A partir do Volume 6, introduziu-se o sistema de consultoria *ad hoc* para avaliação dos originais, uma necessidade sentida pela própria natureza interdisciplinar da Revista, às vezes

difícil de ser atendida dentro do Conselho Editorial. Para dar conta do número crescente de trabalhos enviados e aprovados para publicação, aumentou-se também o tamanho da Revista, passando de 170 para 240 páginas.

A partir do Volume 9, Número 2, até o Volume 12, Número 2, a editoria esteve a cargo de Maria da Glória di Fanti e Susana Bornéo Funck. Vilson Leffa voltou a ser o Editor do Volume 13, Número 1 e, a partir do Volume 13, Número 2, Márcia Zimmer e Andréia Rauber assumiram a editoria. A atual Comissão Editorial é formada pelos Professores Adail Sobral, Adriana Fischer, Hilário Bohn e Vilson Leffa.

A seguir, trazemos as vozes dos Editores anteriores para nos ajudar a contar mais detalhes da história da RLE.

Fico feliz em saber que a *Linguagem & Ensino* está completando quinze anos e mais feliz ainda por ver que ela não é mais uma debutante. Já fez história, conquistou fama e é hoje uma publicação de respeito na área da Linguística Aplicada. Fico muito orgulhoso de assumir sua paternidade e dizer que sou responsável pela sua criação. É um sonho que se realiza, até por persistência minha no início, mas muito mais pelo apoio que tive e, principalmente, pelas mãos competentes das pessoas que assumiram o comando da revista depois da minha saída. Estamos todos de parabéns neste aniversário. (Vilson Leffa)

O período em que trabalhei com a Glória di Fanti (Co-editora), a Nara Widholzer (Editora Júnior) e a Kátia Salies (Assistente Editorial) na *Linguagem & Ensino* foi muito ativo e produtivo. Fizemos várias mudanças, organizamos armários e arquivos de computador. Mais do que isso, dedicamos muitas horas e dias a tocar e melhorar a revista e, apesar dos percalços do dia a dia na Católica, divertíamos-nos muito.

Talvez a maior das dificuldades que encontramos tenha sido a de sistematicamente ter que explicar ao Setor Financeiro da UCPEL, por ocasião do envio de mais um número da revista à gráfica, por que era necessário publicar um outro “livro”. O pedido de explicação vinha por meio de ofício e eu já guardava a mesma resposta para enviar todo semestre, pois a

esperança de fazê-los entender que a publicação de um periódico é periódica foi aos poucos desaparecendo.

Outro fato curioso foi quando, logo depois de assumirmos a Revista, Glória e eu decidimos mudar a capa da revista por acharmos retratos de crianças um tanto inadequados para um periódico acadêmico. Leffa até concordou que a capa poderia ser mudada, mas... desde que as fotos fossem mantidas. Ele tinha um afeto especial por elas e não conseguia conceber como duas mulheres poderiam não gostar de crianças como ilustração. Pois é. Coisas do feminino. (Susana Bornéo Funck)

As nossas metas são manter a excelente avaliação no Qualis-CAPES e indexar a Revista nas bases de dados RedALyc e Scielo. Para tanto, contamos com a colaboração dos nossos autores e pareceristas, que trabalham em conjunto para manter a qualidade dos manuscritos (a atual taxa de rejeição é de 70%) e a pontualidade da publicação.

Neste número, o leitor observará que houve algumas mudanças na formatação da RLE. Essas mudanças aconteceram devido à padronização da formatação de todas as revistas da Editora da Universidade Católica de Pelotas. Além do estilo e tamanho da fonte, o leitor observará que foi abolida a formatação Versalete, previamente utilizada em títulos e referências. Também passa a concordar com a ABNT a formatação de referências entre parênteses, que são agora escritas em caixa alta.

Quanto aos artigos deste número, iniciamos com o texto de João Carlos Cattelan, que, ao analisar um cartaz com os dizeres “*Sorria. Jesus está te olhando. Não roube, não mate não morra*”, elabora um rico artigo sobre intertextualidade e interdiscursividade, refletindo sobre um princípio que determina a constituição do sujeito e a sua relação com o outro.

Na sequência, Flávia Brocchetto Ramos e Neiva Senaide Petry Panozzo apresentam um recorte do projeto de pesquisa *Educação, linguagem e práticas leitoras II* e analisam processos de hibridização de linguagem de um livro da literatura infantil, intitulado *Os Pregadores do Rei João*, de Luís Camargo. As autoras discutem o uso das ilustrações e das palavras como forma de produção de sentido e como “possibilidade de interpretação”.

O terceiro artigo, de Gessélda Somavilla Farencena e Cristiane Fuzer, analisa sete fábulas originalmente atribuídas a Esopo e sete versões revisitadas por Millôr Fernandes. A análise é embasada na definição de Halliday (1989) de contexto de situação e, após as comparações dos textos em questão, as autoras concluem que há estágios em algumas fábulas de Millôr Fernandes inexistentes nas de Esopo e que o desfecho pode ser diferente em alguns casos.

Em seguida, o artigo de Victoria Wilson traz reflexões sobre a produção do discurso escrito em provas de vestibular. Fundamentado em Bakhtin e outros estudos de base sócio-discursiva, o texto mostra as dificuldades que os alunos possuem para compreender e elaborar textos escritos, sendo essa dificuldade mais evidente quando as questões das provas abordam registros mais formais e distantes do cotidiano.

Maristela Pereira Fritzen faz uma análise do cenário sociolinguístico do Vale do Itajaí, em Santa Catarina, apresentando, após uma consistente contextualização histórica do ensino a grupos minoritários bilíngues, uma proposta de política linguística que iniciou em 2002 através do Projeto Escolas Bilíngues. A autora finaliza o artigo com questionamentos sobre políticas linguísticas em contextos de línguas de imigração.

Nilsa Brito Ribeiro analisa processos identitários de professores em formação em Letras que atuam em escolas de áreas de assentamentos da Reforma Agrária, organizados pelo Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra. Através dos relatos dos informantes, a autora analisou as representações que eles constroem de si, do ensino de língua materna e dos demais professores com quem compartilharam experiências de estágio e também de trabalho no campo.

Cristiane Carvalho de Paula Brito e Maria de Fátima Fonseca Guilherme analisam um artigo disponível na internet para investigar discursos sobre o ensino de culturas estrangeiras em escolas públicas brasileiras que circulam na mídia. As autoras observam efeitos de silenciamento da cultura e dos sujeitos brasileiros e sugerem que se trabalhe o ensino de línguas considerando-se as consequências da polifonia dos dizeres e da polissemia da linguagem.

Michele Salles El Kadri, Raquel Gamero e Telma Gimenez descrevem e analisam o material didático *Connecting ide@s: tools for teaching English in a contemporary society*, desenvolvido para a formação continuada de professores de inglês. O material aborda o ensino da língua-alvo por meio de gêneros digitais. A análise é embasada nos critérios estabelecidos pelas diretrizes curriculares nacionais para a formação de professores e nos parâmetros estabelecidos pelo *TESOL Technological Standard Framework* e conclui que o material atinge parcialmente os objetivos estabelecidos pelos dois parâmetros.

Maurício Seibel Luce e Ingrid Finger apresentam resultados de atividades de ensino de línguas desenvolvidas para aumentar a atenção de alunos a determinados aspectos. Os informantes, divididos em três grupos que realizaram tarefas diferentes, eram alunos de inglês de nível intermediário que participaram de um projeto de produção de um guia contendo críticas de filmes. Os autores concluem que as tarefas que possibilitaram aumento de atenção a características textuais do gênero analisado tiveram o aprendizado potencializado.

Francisco J. Rodríguez Muñoz apresenta uma revisão crítica de oito manuais de gramática didática de espanhol, publicados na Espanha, visando a desenvolver uma taxonomia mais coerente e operacional da oração subordinada em espanhol. O autor conclui que há uma falta de consenso sobre a classificação da oração subordinada nos manuais que têm como um de seus principais objetivos o ensino da sintaxe da língua espanhola.

Carine Haupt e Izabel Christine Seara relatam os resultados de uma análise acústica dos ditongos [aɪ̯, eɪ̯, oɪ̯] produzidos por informantes residentes em Florianópolis-SC. Os dados mostram uma tendência à monotongação gradiente dos ditongos; porém, ainda percebe-se a presença da semivogal tanto na duração do segmento que resulta da monotongação, quanto na trajetória dos formantes.

Temos a certeza de que a riqueza dos textos, de diferentes áreas e com objetivos tão distintos, contribuirá para caracterizar e enriquecer o perfil multifacetado da Linguística Aplicada e de seus pesquisadores. Agradecemos aos autores e avaliadores dos

artigos deste número e desejamos a todos uma boa leitura, seja na versão impressa, ou na versão disponível no nosso site, que, desde o primeiro semestre de 2012, volta a disponibilizar todos os números da RLE por meio do Sistema Eletrônico de Editoração de Revistas.

Julho de 2012
Andréia S. Rauber
Márcia C. Zimmer
Editoras